



Arquitetura em cidades “sempre novas”: modernismo, projeto e patrimônio.

Considerações sobre as arquiteturas modernas soteropolitanas vistas a partir do arquivo do Docomomo-Bahia

BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza

Arquiteta e Historiadora, Prof^a Dr^a da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia
(FAUFBA)

Rua Caetano de Moura, 121 – Federação – Salvador - Bahia 40210-905

acbierrenbach@gmail.com

Considerações sobre as arquiteturas modernas soteropolitanas vistas a partir do arquivo do Docomomo-Bahia

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar e interpretar conteúdo do arquivo do núcleo DOCOMOMO-BAHIA e assinalar as continuidades e as mudanças nos métodos de pesquisa para que se possa ampliar o arquivo e as suas possibilidades de interpretação. Trata-se de uma oportunidade para documentar a trajetória do núcleo, fundado em 1992, simultaneamente à fundação do DOCOMOMO-BRASIL, dentro do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (PPGAU-UFBA).

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Moderna (BA). Preservação. Documentação

ABSTRACT

This article aims to present and interpret the contents of the work of DOCOMOMO-BAHIA and point out the continuities and changes in the research methods in order to expand the files and its interpretations. This is an opportunity to document the trajectory of DOCOMOMO-BAHIA, which was found in 1992, simultaneously with the foundation of DOCOMOMO-BRASIL, under the Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura of Universidade Federal da Bahia (PPGAU-UFBA).

KEY WORDS: Modern Architecture from Bahia. Preservation. Documentation.

1. Introdução

O núcleo DOCOMOMO-BAHIA realiza há 20 anos pesquisas sobre arquitetura moderna soteropolitana. O núcleo baiano estabeleceu-se em 1992, simultaneamente à formação do DOCOMOMO-BRASIL, dentro do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (PPGAU-UFBA)¹. Desde então o núcleo formou um importante arquivo. As edificações existentes foram selecionadas a partir de consultas a revistas especializadas nacionais e internacionais, a jornais locais, a arquivos públicos da cidade e a partir de informações conseguidas com profissionais do meio. Para a formação do arquivo também foi fundamental a participação de estudantes da graduação e da pós-graduação que colaboraram com seus trabalhos para a obtenção de documentação sobre os edifícios. No arquivo há edificações que adotam soluções mais comuns e há outras que são consideradas mais importantes por introduzirem soluções incomuns, de caráter social, técnico ou estético. Uma parte dos edifícios existentes no arquivo está amplamente documentada, mas outra parte não possui muito material, necessitando de complementação de pesquisas. Há também documentos sobre projetos não realizados.

A maioria das edificações existentes no arquivo perdura e mantém-se em um estado de conservação mediano ou precário, muitos deles com modificações inapropriadas. Uma minoria não existe mais, como é o caso de uma das primeiras residências a adotar soluções arquitetônicas mais funcionalistas, a pertencente a Lô Costa Pinto (Freire e Sodré – Cia Brasileira Imobiliária de Construção – 1938-1939) ou uma casa na rua Manuel Barreto (Lev Smarcevski – 1948-1950). Uma residência que apresenta soluções que afastam-se do rigor funcionalista também não existe mais: a Casa do Chame-Chame (Lina Bo Bardi – 1958). Outras edificações de maior porte desapareceram: Fábrica da Coca-Cola (Bina Fonyat – 1967), o Complexo Esportivo da Fonte Nova (Diógenes Rebouças, com a colaboração de Heliódoro Sampaio, 1971) e o Clube Espanhol (Jader Tavares, Fernando Frank e Oton Gomes – 1969-1975).

No arquivo os edifícios existentes estão ordenados a partir dos seus usos (administrativo, comercial, educacional, saúde, industrial, residencial, recreação e transporte). Cada pasta contém uma ficha de conteúdo com os dados fundamentais sobre o edifício e os documentos existentes. Em determinadas pastas existem fichas mínimas que seguem o modelo proposto pelo DOCOMOMO INTERNACIONAL mas com algumas modificações. Tal ficha concentra sua atenção nas características históricas do edifício, na sua descrição, na sua avaliação e na sua documentação existente.

¹ O núcleo DOCOMOMO-BAHIA foi fundado por Anna Beatriz Galvão, arquiteta e professora da FAUFBA, que o conduziu por praticamente 20 anos, contando com a participação de inúmeros pesquisadores da pós-graduação e da graduação.

No arquivo também há documentação relacionada com a própria história do DOCOMOMO-BRASIL, principalmente material sobre os dois primeiros seminários nacionais (1995 e 1997) e sobre VI Conferência Internacional realizada em Brasília em 2000. Uma das maiores dificuldades a ser contornada são as mudanças dos meios informáticos, uma vez que existem muitos documentos em formatos tecnológicos superados e não existem mais equipamentos apropriados para que se possa consultá-los.

O presente artigo tem como objetivo apresentar e interpretar o conteúdo do arquivo do núcleo DOCOMOMO-BAHIA e assinalar as continuidades e as mudanças nos métodos de pesquisa para que se possa ampliar o acervo e as suas possibilidades de interpretação.

2.Apresentação do arquivo

O acervo do núcleo DOCOMOMO-BAHIA conta apenas com edifícios construídos em Salvador durante o século XX. No decorrer desse período são realizados projetos ecléticos, modernistas e pós-modernos.²

A arquitetura eclética predomina na cidade entre o final do século XIX e o início do século XX. No arquivo a única edificação eclética é o Palace Hotel (Alexandre Chougen – 1929-1935). As primeiras manifestações modernistas que aparecem na cidade que constam no arquivo têm características *déco*: são o Edifício A Tarde (Construtora Kenit e Cia - 1924-1930), o Elevador Lacerda (Fleming e Thiesen – Construtora Christiane Nielsen - 1928-1930) e o Cine-Teatro Jandaia (Figura 1 – Belando Belandi – 1929-1931). A arquitetura *déco* sotropolitana se consolida durante os anos 30. Entre os edifícios que aparecem no arquivo está também o Cine Excelsior (Figura 2 – Construtora Norberto Odebrecht, 1934-1935).

² Deve-se esclarecer que se entende por arquitetura modernista não somente a tendência arquitetônica racionalista e funcionalista difundida no país por Le Corbusier e pela denominada “Escola Carioca”, mas também outras tendências que se posicionam frente à modernização e à modernidade, mas que já superam o ecletismo, como as manifestações arquitetônicas relacionadas com o *déco*.



Figura 1: Cine-Teatro Jandaia. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2011.

Figura 2: Cine Excelsior. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2010.

Mas nessa época já aparecem alguns exemplares que apresentam tanto características *déco* quanto modernas, como é o caso do Instituto do Cacau (Alexander Buddeüs – Construtora Christiani Nielsen – 1933-1936), do edifício dos Correios e Telégrafos (Construtora Comercial e Industrial do Brasil – 1934-1937), da Pupileira (Construtora Christiane Nielsen – 1935), do Hospital Santa Terezinha (Figura 3 – Construtora Norberto Odebrecht – 1942) ou do Cine Roma (Figura 4 – Construtora Norberto Odebrecht – 1946-1948). Durante os anos 40 ainda há vários edifícios *déco* na cidade, sendo que o último que consta no arquivo é o Edifício Maíza (Luís Arantes – 1940-1947).



Figura 3: Cine Roma. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2010.

Figura 4: Hospital Santa Terezinha. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2010.

A primeira edificação funcionalista que aparece no arquivo é o ICEIA (1934-1935), sendo influenciada pelo modernismo alemão. Entre os anos 40 e 70 essa arquitetura se fixa em Salvador, tendo como referência principal a Escola Carioca. Com essas características há

alguns edifícios mais conhecidos como o Edifício da ABI (Hélio Duarte, Zenon Lotufo e Abelardo de Souza (1945-1951), o Edifício Caramuru (Paulo Antunes Ribeiro – Cia Brasileira Imobiliária de Construção – 1946-1949) e outros menos conhecidos como o Edifício Mariglória (Figura 5 - Antônio Rebouças – 1952-1954), o Edifício do INPS da Ajuda (figura 6 – sem referência do autor – 1955) e o Edifício Aliança de Seguros (figura 7 – Construtora Severo e Vilares, 1956).



Figura 5: Edifício Mariglória. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2010.

Figura 6: Edifício INPS Ajuda. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2008.

Figura 7: Edifício Aliança Seguros. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2006.

A partir do final dos anos 60 aparecem edifícios que ainda possuem características funcionalistas, mas que passam a explorar as possibilidades formais da estrutura em concreto armado, proporcionando tanto arquiteturas mais pesadas quanto mais leves. Essa situação apresenta-se no Edifício da Faculdade de Arquitetura da UFBA (Diógenes Rebouças, 1963-1971), na 2ª fase do Estádio da Fonte Nova (Diógenes Rebouças e Heliodório Sampaio– anos 70) e no Centro de Exposições do CAB (Figura 8 – Lelé – 1974). Há também outros edifícios que podem ser considerados modernistas tardios que exploram outras possibilidades formais através da utilização de estrutura metálica, como no caso do Centro de Convenções (Fernando Frank, Othon Gomes e Jader Tavares – 1979), do Museu de Ciência e Tecnologia da UNEB (Wilson Andrade e Miguel Vanderlei, 1979), da Casa de Comércio (Figura 9 - Fernando Frank, Othon Gomes e Jader Tavares – 1981) ou da Estação de Transbordo da Lapa (Lelé – 1981-1982).



Figura 8: Centro de Exposições do CAB. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2008.

Figura 9: Casa do Comércio. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2012.

Embora os princípios da arquitetura moderna continuem influenciando a arquitetura soteropolitana até o princípio dos anos 80, há no arquivo determinados edifícios que apresentam desde os anos 60 soluções diferenciadas, mais relacionadas com o contexto cultural e histórico no qual se inserem. É o caso da Casa do Chame-Chame (Lina Bo Bardi – 1958-1964), da restauração do Solar do Unhão (Lina Bo Bardi – 1959-1963), do Edifício Ipê (Figura 10 - Paulo Ormino Azevedo – 1965), do Condomínio Solar das Mangueiras (Figura 11 – Assis Reis - 1975-1980) e da CHESF (Assis Reis – 1977-1982).



Figura 10: Centro de Exposições do CAB. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2008.

Figura 11: Casa do Comércio. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2012.

As edificações *déco* estão espalhadas por Salvador, mas concentram-se fundamentalmente nos bairros tradicionais e em outros que se formam ou consolidam durante o processo de modernização da cidade durante as primeiras décadas do século XX. A maior parte dos exemplares está em bairros de classe média e elite (mais centrais como Piedade, Nazaré e

Barris ou mais afastados como Vitória, Barra, Graça e Itapagipe) e aparecem poucos exemplares em bairros mais populares também periféricos (como no caso de Pero Vaz e Pau Miúdo).

No Centro Histórico de Salvador e nas suas áreas próximas existem muitos edifícios com características funcionalistas. Há uma presença notória dessas edificações em uma área que se estabelece durante o princípio do século XX e que se conforma como o centro financeiro da cidade até a década de 70: o aterro portuário. Aparecem também de forma contundente nos bairros de classe média e elite mencionados anteriormente e em outros como bairros como a Federação e os Barris. Há poucos edifícios funcionalistas em bairros populares, com algumas importantes exceções – como no caso do Barbalho, Pero Vaz e Pau Miúdo.

As edificações modernistas tardias que aparecem no arquivo estão posicionadas nos vetores de expansão da cidade dos anos 70 que deslocam o centro financeiro e administrativo para a região do Iguatemi e para o CAB (Centro Administrativo da Bahia). Nessa mesma área começam a aparecer os primeiros edifícios com características pós-modernas da cidade.

No arquivo há edifícios públicos e privados. Há uma maior concentração de edifícios *déco* com caráter privado, principalmente aqueles relacionados com programas modernos. Há edifícios de recreação (cinemas e teatros), de comunicação (sede de jornal, correios e telégrafos) e de transporte (elevador, hidroporto). Com relação aos edifícios funcionalistas e funcionalistas tardios, há tanto privados quanto públicos. Quanto ao setor privado há o predomínio de edifícios comerciais e quanto ao setor público de edifícios relacionados com educação e saúde. Essas opções por edifícios modernistas funcionalistas indicam uma valorização da racionalidade, da eficácia e da economia tanto para usos privados quanto públicos.

Os edifícios que escapam do rigor funcionalista e apresentam soluções diferenciadas são predominantemente residenciais mas há também um administrativo.

3. Interpretações sobre o conteúdo do arquivo

No formação da metrópole soteropolitana estabelece-se uma prática de superação e substituição dos edifícios modernistas. Os primeiros edifícios presentes no arquivo inserem-se nessa situação. São introduzidos na cidade como novidades extremas, como contraposições aos edifícios da cidade tradicional. Mas suas inovações não se sustentam. Rapidamente suas características inusitadas são assimiladas, tornando-se moda. A cidade é tomada por outros edifícios, que adotam as variações arquitetônicas modernistas vigentes. E como toda moda, essas também são destinadas a serem superadas. Essa situação de

obsolescência se acentua principalmente a partir dos anos 70 do século XX. Com a transferência do eixo de crescimento do centro da cidade para outras áreas mais periféricas, muitos dos edifícios modernistas perdem seus valores de mercado e entram em um processo de decadência acelerado. Na compreensão comum, tais edifícios não têm mais valor. E se assim é, podem ser transformados (sem que seus principais atributos arquitetônicos ou históricos sejam reconhecidos) ou até mesmo eliminados. Curiosamente, tal interpretação contemporânea reforça a orientação definidora da modernidade: a da incessante e inexorável substituição do velho pelo novo.

Mesmo desvalorizadas, as manifestações arquitetônicas modernistas do arquivo ainda fazem parte da cidade contemporânea. Mas estão fixadas em um presente neutro, que não remete profundamente nem ao passado e nem ao futuro. Não parece haver possibilidade de uma reinserção desses edifícios em uma dinâmica histórica transformadora.

Os edifícios referem-se remotamente às suas experiências passadas. Suas presenças na cidade contemporânea não evidenciam a importante ruptura arquitetônica realizada por esses edifícios modernistas. Não apontam suas funções como equipamentos urbanos inovadores, relacionados com as novas dinâmicas da modernização. Não assinalam seus contextos de procedência, suas presenças como marcos do despertar da cidade moderna, com todas suas transformações e inovações.

Também não indicam as contradições e contraposições dessa mesma cidade, com todas as suas conotações negativas, mas também criativas. Esses edifícios não se referem à presença das outras cidades existentes nessa metrópole moderna em formação, repleta de outros espaços e de outras vivências, muito distantes dos parâmetros de modernização. Se vários edifícios modernistas representam a faceta mais celebrada da metrópole em expansão, há que se observar que também existe uma faceta perversa. Essa pode ser encontrada, por exemplo, no abandono de parte da Cidade Alta e sua ocupação por uma população marginalizada, que vai instalar cortiços na área. Ou nas ocupações que avançam sobre o mar nos Alagados a partir de meados dos anos 40. Através de aterros realizados com lixo, parte da população soteropolitana consegue estabelecer suas precárias moradias, que muitas vezes também se realizam sobre palafitas. Torna-se evidente a existência de um contraste contundente entre as edificações e os traçados urbanos da cidade moderna.

É certo que a maior parte das manifestações arquitetônicas modernistas presente no arquivo representa as facetas mais dominantes da cidade moderna e que se considera que é também papel da história o reconhecimento das suas facetas opostas, a dos dominados. Mas também há que se reconhecer que essas arquiteturas modernistas que uma vez representaram esses poderes dominantes atualmente apenas apresentam as próprias

dinâmicas capitalistas que seguem mantendo esses poderes. Essas arquiteturas são atualmente apenas um rastro desconexo de uma história que tende a desaparecer, levando consigo tanto a história dos dominantes como dos dominados. Nas circunstâncias contemporâneas, a recuperação da história da arquitetura modernista representa também a retomada de uma história de dominação existente na cidade.

Mas considera-se que é necessário que a pesquisa histórica consiga manifestar também essas facetas menos dominantes da cidade modernista. Para tanto, propõe-se ampliar os métodos de pesquisa para que se possa ter acesso outro tipo de informações, que propiciem outros tipos de interpretações.

4.Continuidades e mudanças nos métodos de pesquisa

Embora já exista um extenso trabalho de catalogação e organização do arquivo do Núcleo DOCOMOMO-BAHIA, é necessário que todo seu conteúdo se torne totalmente acessível através da sua digitalização. Também é importante que se completem a maior parte das fichas mínimas do arquivo para que possam ser inseridas e consultadas no site do núcleo. É possível que seja necessário complementar as informações existentes através da pesquisa em arquivos.

Mas é também importante realizar uma expansão do acervo. Para tanto, há que se estabelecer outros procedimentos para que edifícios que não tenham aportado mudanças muito importantes mas que marcam profundamente o contexto urbano, possam ser detectados, caracterizados e interpretados. É necessário que outras edificações que pertencem aos meandros e às margens da cidade modernista também passem a fazer parte do arquivo.

Abaixo apresentam-se dois exemplos de edifícios que não fazem parte do acervo e que deverão ser incorporados: Casa nos Barris (Figura 12 – sem referência do autor – sem data) e Centro Social Bezerra Lopes na Liberdade (Figura 13 – sem referência do autor – sem data).



Figura 12: Casa nos Barris. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2011.

Figura 13: Centro Social Bezerra Lopes. Fonte: Ana Carolina Bierrenbach 2011.

Para tanto o Núcleo DOCOMOMO-BAHIA está iniciando um inventário da cidade modernista. A pesquisa deve incluir em um primeiro momento todas as edificações com características modernas encontradas – incluindo as edificações ecléticas e também as modernistas. Deve passar por uma seleção em um segundo momento, para que se possa aprofundar a pesquisa sobre aqueles edifícios considerados mais significativos. A delimitação espacial de tal inventário corresponde com a área de expansão da cidade em meados do século XX, envolvendo tanto os bairros mais centrais como aqueles periféricos. O recorte temporal definido para a delimitação espacial da primeira etapa é a aproximadamente os anos 50 do século XX.³

Para a formulação do inventário tem-se como base outros dois documentos de mesma natureza: o Inventário Geral do Patrimônio Ambiental e Cultural da Prefeitura de São Paulo (IGEPAC-PMSP) e o Formas de Análisis e Intervención en el Patrimonio Construído (FAIPAC-UPC). Em tais inventários realiza-se uma breve caracterização dos edifícios, do seus usos atuais e originais, dos seus estados de conservação. Também são inseridos documentos gráficos para identificação dos edifícios. Desta forma, parte-se de um exame das características materiais dessas edificações, que é um instrumento fundamental para a documentação e preservação das arquiteturas modernas soteropolitanas.

Mas o inventário também tem como meta realizar um exame sobre a recepção e apropriação dessas arquiteturas modernas por parte dos cidadãos. Para tanto insere-se na pesquisa de campo uma ficha destinada a detectar essas experiências dos usuários que puderam presenciar a conformação e a transformação dos edifícios e dos bairros

³ Embora o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Bahia (IPAC-BA) tenha realizado um importante inventário da arquitetura soteropolitana nos anos 70, esse documento concentra-se nas produções arquitetônicas anteriores ao modernismo, e apresenta principalmente aquelas manifestações mais monumentais.

modernistas. Tem-se como meta não apenas ampliar as informações sobre a introdução e difusão da arquitetura moderna na cidade, mas também oferecer possibilidades para que aconteçam outras interpretações através da observação não apenas das suas características materiais, mas também imateriais. Considera-se que esse direcionamento da pesquisa possa fazer com que determinados elementos que passam despercebidos através de uma pesquisa convencional possam se manifestar, mostrando outras facetas do processo de modernização soteropolitano, mais. Trata-se de examinar como os usuários recebem e participam desse processo. Esse tipo de direcionamento tenta diminuir uma constante limitação das pesquisas históricas – e principalmente as pesquisas relacionadas com história da arquitetura – que apenas detecta seus traços materiais, afastando-se das apropriações imateriais.

Considera-se que a pesquisa de campo é necessária, mas não suficiente. Deve-se aprofundar a pesquisa em arquivos em arquivos já consultados – como o Arquivo Público do Estado da Bahia, o Arquivo Municipal (Fundação Gregório de Mattos), o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ou a Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Devem ser consultados outros arquivos que possam propiciar acesso a informações diferenciadas – como no caso do CEAS – Centro de Arquivo e Ação Social ou nos arquivos da Obra Social de Irmã Dulce, entre outros.

Uma pesquisa em periódicos especializados já foi realizada, mas deve ser também ampliada. O núcleo DOCOMOMO-BAHIA também efetuou uma pesquisa em um jornal de grande circulação – A TARDE, mas podem ser incluídos outros jornais como o DIÁRIO DE NOTÍCIAS, entre outros. Considera-se fundamental que aconteça a inclusão de outras fontes que possam apresentar compreensões diferenciadas da cidade moderna. Trata-se de procurar ter acesso a documentos que apresentem a cidade principalmente desde o ponto de vista dos seus usuários. Para tanto pode-se contar com livros, filmes e músicas que tenham essa cidade como pano de fundo.

Devem ser realizadas mais pesquisas sobre os arquitetos modernistas atuantes em Salvador durante o século XX. Há poucos trabalhos sobre o arquiteto modernista soteropolitano mais notório – Diógenes Rebouças⁴ e sobre outros importantes arquitetos e engenheiros como Arézio Fonseca, Ary Penna Costa, Carlos Costa Pinto, Emanuel Berbert, Paulo Ormino Azevedo, Pasqualino Magnavita⁵, etc. Outros arquitetos que se estabelecem

⁴ Sobre Diógenes Rebouças ver: NASCIMENTO, Valdinei. **Salvador na rota da modernidade**. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, 1998. Ver também tese inédita a ser defendida em 2012 de Nivaldo Andrade.

⁵ Sobre Pasqualino Magnavita ver: MAGNAVITA, Pasqualino. “Transcrição da palestra do arquiteto Pasqualino Romano Magnavita”. Em: BIERRENBACH, Ana Carolina; GALVÃO, Anna Beatriz; NERY, Juliana. **Cadernos do PPGAU-FAUFBA**. Salvador, PPGAU, 2009.165-188.

em Salvador também têm sido pouco estudados. É o caso de Fernando Frank, Lev Smarcevski, Yoshiakira Katsuki⁶, etc. Também é necessário um aprofundamento de pesquisa sobre a atuação de arquitetos que não se fixaram na cidade como Alexander Buddeus, Freire e Sodré, Hélio Duarte, Paulo Antunes Ribeiro, Roberto Capello, etc. Há outros que não apresentam indícios sobre sua relação com a cidade e que são menos conhecidos: Carlos Porto, Luiz Arantes, Manso Cabral, Rodolfo Staffa, etc.

Outro campo de pesquisa a ser mais explorado é a presença das construtoras na cidade. Existem várias atuantes e é importante ter acesso aos seus arquivos para que se possa complementar informações e ampliar possibilidades de interpretação sobre a arquitetura modernista soteropolitana. As mais presentes em Salvador são a Christiane Nielsen, a Construtora Odebrecht, Construtora Nacional, Construtora Comercial e Industrial do Brasil, Constutora Imobiliária de Construção, Construtora Soares & Leoni, Construtora E.Kemmnit, Severo e Villares, etc.

Com a ampliação dos métodos de pesquisa propostos pretende-se incluir no arquivo tanto outras edificações modernas que são conformadoras da cidade modernista, mas também propiciar aos pesquisadores e profissionais informações sobre as suas características materiais e imateriais. A pesquisa deve possibilitar que se conserve a história da arquitetura moderna soteropolitana e, simultaneamente, propiciar instrumentos que auxiliem na preservação das suas características históricas e estéticas.

Embora o núcleo já tenha realizado uma extensa pesquisa, há muito trabalho pela frente. E trata-se de um trabalho urgente, uma vez que a cidade continua no mesmo processo de substituição do velho pelo novo e de forma mais acentuada do que antes.

Referências:

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BIERRENBACH, Ana C; GALVÃO, Anna B; NERY, Juliana. **Cadernos do PPGAU - Desafios da preservação – referências da arquitetura e do urbanismo modernos no norte e nordeste**. Salvador, PPGAU/FAUFBA, 2009.

BIERRENBACH, Ana C. **Fluxos e influxos – arquiteturas modernas, modernização e modernidade em Salvador na primeira metade do século XX**. Arqtextos 139.02, Dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br>

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁶ Sobre Yoshiakira Katsuki ver: GARCIA, Cione. "A obra de Yoshiakira Katsuki". Dissertação de mestrado. Salvador, PPGAU, 2002.

DIEGOLI, Leila (org). **Inventário Geral do patrimônio ambiental e cultural: metodologia** – **Cadernos do IGEPAC-SP - 1**. São Paulo: PMSP. DPH, 1986.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994. 131p.

LEFEBVRE, Henri; LEVICH, Christine. **The everyday and the everydayness**. Publicada originalmente em Yale French Studies. No. 73, Everyday Life, 1987, pp.7-11. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2930193>

LEREBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Tradução Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Paris: Seuil, Editions Anthropos, 2000. Primeira versão, fev. 2006.